



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Hélia Correia

VILEGIATURA

Eu não me supusera influenciável. E, no entanto, quando os vi desaparecer, um após outro, em direcção do ocidente ou dos ermos a sul, enfraqueci. Eles voltavam, por vezes, a Lisboa e pareciam, de facto, iluminados, tão arrogantes do exílio como os outros, os dos anos sessenta. Realmente, estavam cheios de ideologia. Tinham as unhas sujas. Apesar dos trabalhos campestres, engordavam, embevecidos com os cozinhados. E, de repente, os bares onde passaram os quinze últimos anos atiravam ao seu encontro o sopro do inferno. Sacudiam as mãos junto ao nariz, como quem espanta o cheiro do enxofre. Porém fumavam afincadamente, condenando o tabu americano. Enojavam-me um pouco, sou sincero, pelo menos ao princípio, quando ainda tomava aquilo por doença passageira.

Resisti muito tempo a visitá-los. Mal me encontrava na auto-estrada, transpirava, antecipando uma sufocação. Talvez já tenha órgãos de mutante, mas não consigo respirar senão Lisboa a meus plenos pulmões. O ar fervido no asfalto, misturado com os vapores da combustão e ondas de rádio, é para mim uma droga estimulante. É, melhor dizendo: era. Pois tamanha insistência fizeram, concertados uns com os outros estes neo-rústicos, que hesitei. De começo levemente, porque a sua euforia me intrigava. Tinha-a como uma espécie de mistério que tencionava em quinze dias decifrar. Mas a verdade é que eu os procurava com mais e mais frequência, ainda que tudo naquele modo de vida me irritasse. Compreendi que na cidade não restava nenhum amigo desses, cujas casas nós conhecemos e desrespeitamos tanto quanto eles o fazem com a nossa. Um à-vontade de família, reconheço, que vem dos tempos da revolução e é mais antigo que mulheres e filhos. Talvez a coisa me repugne um tanto, agora. Mas, comparando-a à consanguinidade, espero ter dado ideia do que existe de incorrigível nestas relações.

Rendi-me em fins de Junho. Estava farto do assédio das amigas do meu filho que, ao saberem-me redactor em chefe de uma revista de audio-visuais, viam em mim um Pigmalião pronto a lançá-las em qualquer carreira. «Pode perfeitamente trabalhar-se longe da confusão», dizia o Gil. «Tratas de tudo pela internet».

Era o que ele fazia, escrevinhando crónicas culturais num semanário dedicado aos fanáticos da bola. Tinha alugado a norte de Lisboa um pardieiro que reconstruía por suas próprias mãos, lendo folhetos, desperdiçando tempo e materiais, de modo que gastara mais dinheiro do que erguendo uma casa de raiz. O senhorio vivia um pouco acima e, aos domingos,

assistia àquele labor, algo desconfiado com a sorte que lhe parecia muito generosa. Nunca vira um rendeiro fazer obras, mudar janelas, rebocar paredes, calafetar telhados, sem queixumes, sem exigências de homens e despesas. Quando se fosse embora, Gil deixava todas as melhorias no lugar. «Há-de ser parvo», comentavam no café. E todos lhe sorriam, descarados, o que ele tomava por candura natural. Noutros lugares, mais próximos das praias, os velhos já tratavam de vender, pressionados pelos descendentes, na maior parte construtores civis. Bem os ouvia e via eu, aqueles olhares enviesados de xenofobia, aquele resmonear atrás das mãos. Porém, o Gil e os outros estavam cegos, e surdos, como bem aventurados. Semelhante ao ateu que inveja os crentes, senti desejos dessa paz de espírito, dessa denegação da lucidez que apenas conhecera quando jovem, disposto a dar a vida pela Albânia, convencido de que era o paraíso, apesar dos relatos dos viajantes. Ia roçando na felicidade sem que ela me passasse para a carne, visitando-os aos sábados, jantando nas cozinhas tão pouco iluminadas que as raras quarentonas que restavam, gordas e certamente assexuadas, resplandeciam como mães ao pé dos tachos. As jovens namoradas e as filhas mostravam consciência de que iriam desentender-se em breve, e aplicavam-se em manifestações de simpatia. Tratava-se de um estranho paraíso onde se era feliz por decisão e já não por bondade do destino. Quando o Gil disse: «Há uma casa vaga», fê-lo em tom de mobilização. Eu não tinha projecto para as férias e estava pronto para obedecer, ainda não sei se por curiosidade se por memória de outra disciplina .

Não foi difícil a instalação porque o Gil e os outros me mimaram, quer concertando as coisas que falhavam, quer providenciando-me a comida em que estavam tornados especialistas. Como em tempos antigos, as cozinhas eram o centro anímico da casa. Lá se lanchava e lá se discutia sobre o lúgubre estado da nação e o lúgubre estado do planeta. A globalização e os transgénicos substituíam temas esgotados, e a veemência das imprecações reproduzia um fogo adolescente. Eu esforçava-me por acompanhá-los, se mais não fosse para retribuir o modo fraternal como traziam carapaus de escabeche e vinho tinto, engarrafado pelas suas mãos.

Os locatários que me antecederam tinham decerto retirado à pressa, sem removerem muita peça de mobília. O senhorio levava isso em conta para o estabelecimento da mesada. Vi-me com uma casa acolhedora, com louças penduradas na cozinha, como se tudo em volta conspirasse para me facilitar a transição. «Tira já o sentido das saloias. Andam a concorrer às faculdades, mas querem rapazinhos para casar», aconselhou, logo de início, o Gil.

«Sabes bem que não gosto de morenas.»

«É que as há loiras», teimou ele. «Para mulheres, convém que te forneças em Lisboa. Estas ainda levam tudo a sério».

Falava com severidade. Acreditei que já não se saltava por janelas. Aliás, havia cães em toda a parte. O que eu imaginava ser a noite, com passeios à lua, não chegava sequer a existir. Quem se atrevesse, escorregava em bosta amolecida com a água dos regueiros para, em desequilíbrio, se apoiar num muro onde rugiam mastodontes. Sapos saltavam sob os nossos pés. E das casas fechadas vinha o som dos passatempos da televisão, o mesmo som subindo em toda a aldeia, como dantes subiam orações, convidando os cristãos a recolher. « Sair? Quando escurece ninguém sai». Idealmente, adormeciam cedo, os neo-rústicos e os velhos residentes, para se levantarem com a aurora. Mas uns e outros prolongavam os serões, a pretexto das últimas notícias, comungando de angústias desportivas. Eu não deixava de me aborrecer, mas a verdade é que Lisboa me parecia igualmente muito aborrecida. Já que ali estava, ali ia ficando. Experimentávamos jipes, reuníamos com mais refugiados aos domingos, e essa espécie de jogo de crianças tornava-os realmente mais felizes. Pensariam no fundo, como eu, que se tratava de um fazer de conta? Não cheguei a saber. Aquela paz, aquele quotidiano complacente foram-se insinuando nos meus nervos como uma anestesia. Findas as férias, retomei o meu trabalho, mas aquilo que distingue um neo-rústico, como os tiques de fala numa seita, já se notava em mim. Via os olhares dos meus subordinados desviarem-se, depois focarem-se outra vez com indulgência. A sede da revista foi mudada para um grande edifício ao pé de Sintra e ao entardecer era mais fácil voltar para o campo que para a cidade. O meu filho soava agradecido nos telefonemas, por herdar a casa sem que tivesse de morrer alguém.

No mês de Agosto considerei-me adaptado. Continuava a não compreender o que havia de tão gratificante naquele modo de vida, numa aldeia a norte de Lisboa, entre pequenos montes que se esgueiram para os lados do mar, como a fugirem das urbanizações que os vão cobrir. Eu atingira enfim a indiferença, a acalmia de uma meia idade que não julgara tão apreciável. Então, a lixarada começou.

No que decerto fora um quintalinho com um poial e árvores de fruto, alguém plantara relva e uma palmeira, o que, no entender do senhorio, valorizava grandemente a casa, afeitando-a aos gostos dominantes. A relva precisava de atenções que eu de modo nenhum lhe dedicava. Estava seca e espigada, disputando o alimento com raízes parasitas. Segundo o Gil dizia, um tal desleixo tornava-me bastante desprezível como elemento da comunidade. Vi, pelo seu empenho no assunto, quanto ele tinha saudades daqueles tempos em que pautámos o comportamento pela ética operária que, aliás, era pura invenção de alguns ociosos. Eu limitava-me a sorrir e a pisar superiormente os tufos. Não queria, na minha idade, sujeitar-me a escravidões, muito menos criar um compromisso entre mim e um montão de clorofila. Quando os sapatos começaram a cair, pensei que a vizinhança se exprimia com o que tinha à mão, manifestando o desagrado pelo

meu jardim, que o baixo muro não dissimulava. Manhã após manhã, mal eu saía pela porta envidraçada da cozinha, deparava com os restos de calçado atirados a oito por alguém. Para começar foi uma bota de homem, de biqueira abrindo os pregos como dentes de espadarte. No outro dia, uma sandália de piscina. Depois, uma chinela de fazenda. «O que diabo é isto?», perguntei.

«Pura coincidência», disse o Gil. Mas não parecia nada convencido.

Nos primeiros dias recolhi as coisas para dentro dos sacos de despejo. Passei depois a fase reactiva, atirando os sapatos para caminho, fazendo-os afundar entre as urtigas. No estado melindroso dos meus nervos, esperava reprimendas dos vizinhos. Eles, porém, se calhavam em passar, lançavam-me uma sóbria saudação, ‘bom dia’ transformado em monossílabo. Dir-se-ia que não viam os projecteis, mas também não tentavam reprimir um sorriso neles pouco habitual. «São eles que atiram com aquilo para aqui».

« Porquê, para quê, saber-me-ás dizer? »

Não sabia, de facto. Outro dos nossos, escutando a notícia do fenómeno cujo mistério nos estimulava como os casos de amor, anos atrás, lançou na mesa a explicação plausível. «Havia ali provavelmente uma estrumeira. Talvez, sem querer, mantenham velhos hábitos, se andarem bêbedos ou estremunhados». Era um sociólogo com opiniões. Trabalhava na vila, no turismo, renunciando a cargos que em Lisboa lhe conferiam direito a motorista. « Basta uma pequenina distracção e voltam a fazer o que faziam ».

« Mas porquê só sapatos? », perguntei.

Boa pergunta. Na manhã seguinte, espertando bem mais cedo que o costume devido à ira e à curiosidade, dei não só com sapatos mas com meias. Sapatos eram três, desirmanados: um branco, já estalado, de enfermeira, que calçara um pequeno pé direito; outro de salto esfacelado, às tiras lilases e azuis, que, mesmo ali, tombado sobre dentes-de-leão, trazia uma fadiga de boémia; e outro, de pala, um tanto carcomido, de quem andasse descuidado à beira-mar e o encharcasse alguma vez de água salgada. Seria de esperar que tal visão me enchesse de asco e de repugnância. A familiaridade da imagem consolou-me, porém. De certo modo, pareceu-me que ganhavam o direito de serem atirados para quintal, por contraste com as meias, essas, sim, redondas, amarelas como um vómito. Eram, ao que entendi, collants rolados sobre si mesmos no momento de os despirem. Avistei dois, na zona dos sapatos, depois mais três, espalhados rente ao muro. Por momentos, fiquei paralisado, sem qualquer pensamento no meu cérebro. «...Mdiiii...», lançou-me um velho, do caminho. Sorria-me, sem sombra de vergonha.

Dei-lhe os bons dias, com indignação. Depois, peguei no carro e fui à vila, queixar-me ao delegado de saúde.

O delegado era mulher. Baixa e escurinha, um puro sangue de avoengos muçulmanos que os cristãos expulsaram de Lisboa há mais de nove séculos atrás. A privação de sexo fez-me efeito absolutamente a despropósito. Ela chegou-se mais para trás na secretária, a defender-se do meu bafo lúbrico. Eu próprio estava siderado com o facto de aquele padrão de fêmea ter acção tão violenta sobre os meus tecidos. De modo que a visita deu em nada. Ela receberia com frieza todas as queixas que eu lhe apresentasse, mesmo até de cadáveres na lareira: « O campo tem particularidades. Não é disso que vêm à procura?»

Eu antipatizava com morenas, e quase ter violado a delegada numa irrupção extemporânea de desejo não alterava em nada o sentimento. Saí, batendo com a porta. A empregada sorria ousadamente para o ar.

« Dizem que isso é um caso de bruxedo», comunicou-me o Gil.

«Quem diz?»

«As velhas».

Andava o caso já de boca em boca. Não só os transeuntes matinais mas toda a gente da aldeia me estudava, com o canto da boca repuxado, numa troça geral. «Que lhes fiz eu?»

« Gostam de intimidar os estrangeiros», adiantou-me o sociólogo. « Ainda não se satisfazem totalmente com as novelas. Apreciar-te-ão, se fores à bruxa. Dás um bom seguimento à narrativa».

«Era o que mais faltava», retorqui. Imaginei uma mulher de unhas azuis e impecavelmente penteada, como as que se auto-anunciam na tv. Não me apanhavam numa bruxa assim.

«Que querias tu? Uma sibila desgrenhada? Necessita-se imagem, higiene».

Compreendi que estava só. Fechei-me em casa. O verão ia avançado e o telefone tocava sem cessar. Provavelmente, queriam-me de regresso na revista. Eu ocupava os dias recolhendo o lixo do quintal em grandes sacos, negros e fortes, como os que a polícia usa para embrulhar mortos em rixas. Deixava-os junto ao contentor, e olhava em volta para mostrar que cumpria a minha parte.

Por muito cedo que me levantasse, jamais surpreendi o lançador. Ele requintava na variedade, misturando, com botas de borracha, cabeleiras de Barbie, luvas, cintos, pernas e olhos arrancados a bonecos que pareciam ex-votos extraviados. «Então a coisa continua?».

perguntavam o Gil e os outros, claramente feitos com os aldeões. Sorriam e atiravam com o mesmo olhar oblíquo dos passantes.

Tudo o que eu queria era gastar o tempo rapidamente, à espera da manhã. Comia pão com ovos estrelados, via televisão horas seguidas, indiferente aos apelos do telefone que me parecia um pássaro estridente. Dedicava-me a um jogo de adivinhas, querendo prever o que me esperaria no encontro seguinte com o lixo. Algumas vezes, senti desejos de me apropriar de um ou outro despojo. Foi o caso de um colar de missanga, e de uma fita que prendera cabelos muito claros e retinha, no nó, uns fios doirados. Porém, fazia honradamente a entrega do saco cheio, a cada pôr-do-sol.

Os meus amigos tinham, finalmente, tomado o caso a sério. Muito tarde. Organizavam-se para me visitar, faziam turnos, dedicados como freiras. Queriam levar-me para suas casas, fazer-me partilhar aqueles jantares onde as mãos calejadas se agitavam, numa arrogância, censurando o mundo. Estavam preocupados. No entanto, o seu conceito de fraternidade desviara-se um tanto desde o início. Comungavam sessões de agricultura e caldeiradas que as peixeiras rematavam, em saldos, ainda frescas sobre a areia. Mas a misantropia que eu mostrava não arrancava deles mais que um suspiro e o deprimido cumprimento do dever. Parecia singular e mesmo ingrato que em vez da redenção rural eu encontrasse na pura aldeia uma questão de lixo e me deixasse endoidecer com ela.

Chamaram o meu filho. Ele recolheu-me num domingo ainda quente de Setembro. Verdade seja dita, não mostrava contrariedade em dividir o apartamento. As discussões territoriais ficavam para quando ele não receasse ver-me deitar arsénico no chá. Andava mesmo cautelosamente, como em bicos de pés, o meu rapaz. Quando eu voltei de tomar banho e lhe sorri, revigorado pela poluição e pelo inestimável cheiro a pizza, ganhou coragem para me interrogar. «Que foi aquilo, ó velho?», perguntou.

«Aquilo o quê?»

«Que endoideceste, disse o Gil. Que não comias e não falavas, obcecado com uns lixos.»

«O Gil disse isso?»

«E quase que chorou. Que nem saías. Que foi aquilo, ó velho?», repetiu.

Eu reclinei-me no sofá, pedi um whisky que ele me respondeu ter-se acabado. Nem que jurassem que chovia ouro eu tornaria a pôr os pés no campo:

- Eles estranharam o meu comportamento porque mantive a lucidez - expliquei. -
Andam ao sol, lá nas agriculturas, e aquilo referveu-lhes as cabeças. Não vim mais cedo porque
lhes parecia mal. Disseram-te essas coisas?

- Pois disseram.

- Estão realmente loucos - concluí.

In *Ficções n.º 4*